

VISÃO DA *HISPANIA* NOS SEUS AUTORES: MARCIAL

Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

Marcial partiu da *Hispania* para Roma quando tinha pouco mais de vinte anos. Criado e educado em terras da Península fortemente romanizada, que imagem e influências guardou o poeta da terra natal durante os anos vividos na Urbe? Que reflexos teve na vida, opiniões e escolhas do poeta a sua origem hispânica?

Sob este ponto de vista há que distinguir duas fases na obra de Marcial. Até 98, em Roma, o poeta recorda a terra natal sob variados pretextos e dirigindo-se a diferentes interlocutores, por vezes seus conterrâneos. Durante os trinta e quatro anos em que esteve na capital e em que, umas vezes com a sua arte, outras com a bajulação de ricos e poderosos, conquistou algum favor e alguma fama, a imagem da longínqua *Hispania* surge plasmada em motivos que se repetem, como se a memória se arrimasse a certas imagens determinantes e de cores mais nítidas. O orgulho de ser hispânico¹, que se junta à confiança altiva de ser Romano², jamais deixa de se fazer sentir. O poeta entende ainda que o valor literário da sua obra enobrecerá a terra onde nasceu, misturando-se a imortali-

¹ Sobre *Bilbilis* observem-se os adjectivos com que a qualifica: *alta* (I 49,3; X 104,6), *optima* (IV 55,11) e *superba* (XII 18,9) pelas riquezas minerais, *augusta* (X 103,1) pelo seu estatuto administrativo.

² V., a título de exemplo, o significado de expressões como *mea Roma* (VI 60,1), *domina Roma* (I 3,3; X 103,9), *magna Roma* (XII 68,5-6), *maxima Roma* (VII 96,2; X 58,6), *aurea Roma* (IX 59,2), *domina urbs* (III 1,5), *terrarum dea gentiumque Roma* (XII 8,1).

dade do seu nome com a de *Bilbilis*³. A imagem da pátria é, então, o esteio repousante dos momentos em que se sente cansado, desiludido, desejoso de se libertar da tirânica vida de *cliens* de mesquinhos senhores. E, durante esses anos em que nunca esqueceu a sua terra nem deixou de acompanhar o que de mais importante lhe respeitava, como a nomeação e a justeza da actuação dos *legati* que a governavam⁴, evoca a *Hispania* como o porto onde um dia há-de querer voltar, como o regaço materno da natureza que o acolherá um dia, como o lugar aprazível onde poderá ser ele próprio.

Ora, com o assassínio de Domiciano em 96, outros senhores chegaram ao poder e, como é hábito nas mudanças políticas, quiseram pelo menos dispensar os que tinham colaborado ou apoiado os ídolos apcados do pedestal. Marcial, porque era peixe miúdo entre tubarões com dinheiro e influência, porque nada tinha para oferecer além da sua arte nem sempre reconhecida, acabou por soçobrar num acerto de contas que, em última instância, não poupou os assassinos do *princeps*, por muito que tivessem assumido o papel de libertadores de Roma, aberto o caminho a Nerva e a Trajano, e bem assim garantido ao *ordo senatorius* a apenas aparente recuperação de prerrogativas e influência.

Marcial regressa então à pátria, mascarando esse retorno com sabor a derrota e a marginalização sob a capa da conquista do que sempre sonhara. E é toda uma nova fase em que, nos epigramas, o *ibi* de outrora se transforma num *hic* quase sempre desencantado, poucas vezes satisfeito, e nunca, nunca deveras um sereno porto de plenitude e encontro consigo mesmo.

Que imagem deixou Marcial da *Hispania* ao longo da sua obra? De modo geral, há que considerar as informações que dá sobre as riquezas e, de forma talvez mais subjectiva que imparcial, das algumas misérias dessa terra fantástica que tanto admira.

Dos vinhos lembra os de excelente qualidade, oriundos da Tarraco-

³ Em I 61, depois de lembrar a glória que Vergílio, Tito Lívio e Ovídio conferiram às respectivas terras natais, Marcial enumera as cidades enobrecidas por terem visto nascer alguns dos seus patronos e amigos. Entre eles contam-se seis naturais da *Hispania*: os dois Sénecas e Lucano, de *Corduba*, Cânio Rufo, de *Gades*, Deciano, de *Emerita*, e Liciniano, de *Bilbilis*. A lista termina com a inclusão do próprio Marcial, que diz: *nec me tacebit Bilbilis* (v.12).

⁴ Veja-se VII 52, elogio de Célcere porque *ille meas gentes et Celtas rexit Hiberos, / nec fuit in nostro certior orbe fides* (vv.3-4). Em XII 9, embora já esteja nesse momento em *Bilbilis*, Marcial louva Cornélio Palma, legado da *Hispania Citerior* em 100-101. Note-se, todavia, que este epigrama, dirigido a Trajano, tem talvez como intuito principal estabelecer uma afinidade – a da origem hispânica – entre o novo *princeps*, de quem procura insistentemente um sinal de favor, o poeta e o alto dignitário da administração romana.

nense⁵, com excepção dos *Laletani*, da zona entre Ampúrias e Tarragona, que diz serem bons para bêbedos pouco exigentes⁶ ou que sugere como hipótese de presente a incluir numa lista de lembranças de secundaríssimo valor para oferecer nos *Saturnalia*⁷.

Do azeite recorda a qualidade superior, que o fazia ser dos mais caros e apreciados. Por isso assegura que, se quisesse dedicar-se à eloquência e à prática forense, actividades bem mais lucrativas que a de poeta, poderia entre outros privilégios receber directamente da *Hispania* carregamentos do azeite local⁸.

Sobre os pastos e o gado que neles se criava⁹, não pode ser mais intenso o orgulho com que repetidas vezes alude aos rebanhos da Bética. Deles se obtinha uma lã que dispensava ser tingida, pois o velo dos animais ganhava uma natural cor fulva em contacto com as águas do rio *Baetis*, o Guadalquivir, que o poeta denomina *stabuli nutritor*¹⁰ e era rico em metais, particularmente o ouro¹¹. Dessa lã magnífica, própria para dar de presente a uma amante com quem se passou inesquecível noite¹², faziam-se, como Marcial recorda, as muito apreciadas *lacernae baeticae*¹³. A lã da Bética era, além disso, fina e macia, o que permite ao poeta compará-la com os cabelos da escravazinha Erócio, morta aos seis anos com sentido desgosto do poeta¹⁴. Marcial refere ainda um outro tipo de lã oriunda da Bética, esta de cor escura¹⁵. Dela eram feitas as vestes de uma personagem de aparência austera, que preferia *fusci colores* mas tinha

⁵ Em XIII 118 di-los suplantados apenas pelos da Campânia.

⁶ I 26,9-10: *A copone tibi faex Laletana petatur, / si plus quam decies, Sextiliane, bibis.*

⁷ VII 53 (v.6: *et Laletanae nigra lagona sapae*).

⁸ V 16 (v.7: *plurimus Hispanas mittet mihi nauta metretas*). O azeite de Corduba merece-lhe referência especial em XII 63,1-2.

⁹ Ver BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J.M., "La economía ganadera de la España antigua a la luz de las fuentes literarias griegas y romanas": *Emerita* 25 (1957) 159-84.

¹⁰ VIII 28,5. A expressão ocorre num epigrama sobre a toga de Parténio, rico *patronus* de Marcial e *cubicularius* de confiança de Domiciano (foi depois seu assassino). Obviamente, Marcial só encara a hipótese de que a toga de uma tal personagem seja feita com os melhores materiais.

¹¹ IX 61,1-4; XII 63,3-5; 98,2; XIV 133. Estas lãs de naturais reflexos eram denominadas *Baeticae* ou *Erythraeae* (cf. Pl. *NH* VIII 73; Colum. VII 3,2).

¹² XII 65,5. Essa Fílis, a quem pensa recompensar com os mais ricos presentes, desilude afinal o poeta ao pedir-lhe... *amphoram uini* (v.9). V. ainda a referência às lacernas *Hispanae* que uma certa Cloe dá, entre outros mimos valiosos, ao jovem e dispendioso amante (IV 28,2).

¹³ XIV 133.

¹⁴ V 37,7: *quae crine uicit Baetici gregis uellus*.

¹⁵ I 96,5. V. Pl. *NH* VIII 73, 191 (*Hispania nigri uelleris praecipuas habet*).

*galbini mores*¹⁶, i.e., costumes verde-claro, a cor associada aos hábitos efeminados.

Do gado não lanígero, Marcial lembra o cavalo das Astúrias, o *asturco*, de pequeno porte e galope rápido e ritmado¹⁷, os cavalos da sua *Bilbilis*¹⁸, bem como, ainda que de forma indirecta, o porco da região dos *Cerretani*, na Hispânia Tarraconense, do qual resultava um presunto que, na opinião do poeta, só encontrava igual em outro produzido junto ao Reno¹⁹.

A fonte de riqueza mais evocada é, porém, a dos rios, em especial do *Tagus*, do *Salo* e do *Baetis*²⁰. Do *diues*²¹, *aureus*²², *auriferus*²³ Tejo, lembra as águas onde abundava o ouro, embora confesse que o trocava todo pelo vinho *Setinum* que o médico proibiu que bebesse²⁴ ou, em outro momento, revele cheio de orgulho que prefere a fama de que já goza em certos sítios a que o Tejo o sacie com todo o seu ouro²⁵... Tal riqueza serve-lhe também os propósitos da *adulatio* quando, para enaltecer os Jogos que Arrúncio Estela deu em celebração do triunfo de Domiciano sobre os Sármatas, diz que o poderosíssimo patrono achou pouco o que gastou em tamanha empresa, e que nem todo o ouro do Tejo lhe pareceria suficiente para prestar homenagem ao *princeps*²⁶. Do *Tagus*, Marcial lembra ainda que era *piscosus*²⁷.

Do *Salo*, rio que banhava a sua *Bilbilis*²⁸, o poeta realça as também *auriferae orae*, mas é sobretudo a qualidade que as suas *rigidae e gelidae*

¹⁶ cf. v.9.

¹⁷ XIV 199. V. Pl. NH VIII 67, onde se explica que os *asturcones* eram os cavalos pequenos *quibus non uulgaris in cursu gradus, sed mollis alterno crurum explicatu glomeratio*.

¹⁸ I 49,4.

¹⁹ XIII 54. A região que produzia essa *perna* é a da actual Cerdeña, junto aos Pireneus. Esse presunto é referido ainda entre os melhores no *Edictum ad prouinciales de pretiis rerum uenaliuum* de Diocleciano.

²⁰ Hoje o Tejo, o Jalón e o Guadalquivir, respectivamente.

²¹ cf. X 17,4.

²² I 49,15. Em X 17,4, refere-se à *aurea unda* do Tejo.

²³ X 96,3; XII 2,3.

²⁴ VI 86.

²⁵ VII 88,7.

²⁶ VIII 78,5-6. Note-se que, ao ouro do Tejo (Ocidente), poderia juntar-se o do *Hermus* (Oriente), o que perfaria todo o mundo: nem assim Estela acharia os seus Jogos dignos do *princeps*.

²⁷ X 78,12.

²⁸ Por isso o denomina *patrius Salo* em X 96,3 (cf. ainda *patrios annes* em XII 2,4).

*aquae*²⁹ possuíam para temperar o metal que o fascina. No curso do rio, *rapidus*³⁰ e *brevis, qui ferrum gelat*³¹, mergulhava-se o metal ao rubro com que, entre outros fins, se faziam armas, e.g. o *pugio*, o punhal que Marcial celebra em XIV 33. É essa importância para a indústria siderúrgica que o leva a designar o rio como *armorum temperator*³².

Do *placidus Baetis*³³, Marcial evoca³⁴ as oliveiras e as vinhas que o bordejavam bem como o poder das suas *nitidae aquae* em dourar os *uelleras* dos rebanhos que abundavam nos pastos circundantes. Mas não esquece outro dos aspectos que o faziam fundamental para a vida e progresso da *Hispania*: o facto de ser uma excelente via de comunicação. Todo ele navegável, é por lá que chega de Roma Instâncio Rufo, para ser *legatus Augusti* da Bética.

De modo geral, é a riqueza de toda a *Hispania* em metais³⁵, sobretudo ouro, prata e ferro, que Marcial evoca em diversos momentos. E fá-lo quer por referência directa³⁶, quer por alusão aos objectos que com eles se fabricavam, alguns caros mas apreciadíssimos, como os *chrysendeta*, pratos em prata com incrustações a ouro proveniente da Galiza, que integravam a colecção obtida por meios pouco claros por um tal Carino³⁷. Uma *libra* de prata pura da *Hispania* era ainda oferta de aniversário que qualquer interessado cobiçava³⁸.

Se a baixela de ouro e prata da Hispânia era desejado presente, o mesmo não acontecia com os *uasa Saguntini*, a louça em barro de Sagunto. Essa é pelo menos a opinião de Marcial, que a inclui numa lista de lembranças sem valor enviadas pelos *Saturnalia*³⁹ ou que fala dos *calices Saguntini* como de taças que um escravo pode usar e guardar *non*

²⁹ cf. respectivamente XII 21,1 e XIV 33,2.

³⁰ cf. X 103,2.

³¹ cf. I 49,12.

³² IV 55,15. De *Bilbilis* diz que é *optima* pelo *saeuum metallum* (cf. v.11) e *nobilis* pelas armas (cf. I 49,4).

³³ cf. IX 61,2.

³⁴ XII 98.

³⁵ V. por ex. IV 55,11-15.

³⁶ cf. e.g. X 17,3: *Callaicus quidquid fodit Astur in aruis. De Bilbilis di-la auro et superba ferro* (XII 18,9). Note-se ainda que, em XII 57,9, Marcial refere-se à areia aurífera, *ballux*, pó de ouro proveniente da Hispânia com que se douravam os objectos.

³⁷ IV 39,7. Sobre uma outra taça valiosíssima e de esmerada arte, em ouro da Galiza, v. XIV 95.

³⁸ VII 86,7.

³⁹ IV 46,14-6. V. ainda VIII 6,2: *ficta Saguntino cymbia malo luto*.

*sollicitus*⁴⁰, sem grandes preocupações, dado o pouco valor e importância que têm.

Entre as produções da *Hispania* que Marcial evoca surgem ainda as conservas de *lacertus* oriundas de *Saxetanum*, na Bética, que ele diz boas apenas para quem se regala com favas cozidas em azeite⁴¹, bem como o *garum sociorum*, considerado o melhor de todos, vindo de *Carthago Noua* (Cartagena). Marcial, que o conta entre os *munera clara* e o diz *fastosum*⁴², revela que se fazia com o primeiro sangue de um *scomber* (sarda? cavala?) ainda vivo e que esse *Hesperius liquor*⁴³ era requintado tempero para ovos.

Finalmente, um outro produto de exportação que reteve a atenção de Marcial foi o das *puellae Gaditanae*, ainda que muitas das que se entregavam a tal profissão o pudessem ser apenas no nome. Com seus movimentos envolventes e lascivos⁴⁴, dançando ao som de castanholas⁴⁵, eram atracção apreciadíssima de *conuiuia* em casas nem sempre desrespeitáveis, e também na do poeta. Marcial insiste nesta dupla condição de dançarinas sensuais e prostitutas sem grandes escrúpulos⁴⁶ e até *Gades* aparece a um tempo qualificada como *improbae*⁴⁷ e *iocosae*⁴⁸. A alusão a tais *puellae* pode ser insulto a efeminados⁴⁹ ou a quem se julga *urbanus* mas não vale mais que um *de Gadibus improbus magister*⁵⁰. Irrefutável reconhecimento da eficácia das técnicas por elas utilizadas, Marcial

⁴⁰ XIV 108,1.

⁴¹ VII 78,1-2.

⁴² XIII 102,2. Sobre este *garum*, v. Pl. *NH* XXXI 43.

⁴³ XIII 40,2.

⁴⁴ V 78, 26-8: ... *de Gadibus improbis puellae / uibrabunt sine fine prurientes / lasciuos docili tremore lumbos*.

⁴⁵ Marcial é o único testemunho antigo de que estas bailarinas andaluzas acompanhavam as danças com castanholas, cuja designação, *crusmata*, aparece também pela primeira vez no poeta com esta acepção (em vez do corrente *crotala*). V. ainda XI 16,4 (*et Tartesiaca concrepat aera manu*).

⁴⁶ Assim é que um dos atractivos eficazmente usado por uma tal Teletusa para que o seu antigo *dominus* a compre de novo para sua *domina*, i.e. amante, é ser *docta* em tomar poses lascivas ao som das castanholas da Bética e em menear-se aos ritmos de *Gades* (VI 71).

⁴⁷ V 78,26: ...*de Gadibus improbis puellae*, atracção que Marcial promete a seus convidados.

⁴⁸ I 61,9, embora neste caso a informação participe do facto de aí ter nascido Cânio Rufo, que se dedicou a um tipo de literatura não claramente identificável mas *iocosa* (cf. III 20).

⁴⁹ São *cantica Gaditana* (III 63,5) o que canta um *bellus homo*.

⁵⁰ I 41,12.

assevera enfim que nem o casto e misógino Hipólito lhes ficaria indiferente⁵¹.

Centremos agora a nossa análise em epigramas que documentam a visão que Marcial tem da *Hispania* quando dela está ausente, quando a pátria lhe parece o contraponto do frenesim estafante da capital, onde não vive mas luta pela sobrevivência.

Em I 49⁵², dirige-se a Liciniano, que parte para a *alta Bilbilis* (cf. v.3) enquanto o poeta se vê obrigado a ficar em Roma. Da pátria lembra a riqueza em armas e cavalos (v.4); as montanhas multisseculares (vv.5-6); a cidade de *Boterdum* com o seu *nemus dulce* (v.7) e fértil em pomares (v.8); o *tepidus* rio *Congedus* que é um *lene uadum* (v.9); os lagos tranquilos (v.10: *molles lacus*); o rio *Salo* (vv.11-2); a caça abundante (vv.13-4); o azul sereno e puro do céu e o calor do sol que se pode mitigar com um mergulho nas douradas águas do Tejo e com o repouso à sombra das frondosas árvores que o emolduram (vv.15-6); as nascentes refrescantes, mais frias que a neve, onde se mata a sede (vv.17-8). A este estival *locus amoenus*, Marcial contrapõe a lembrança do Inverno rigoroso da região, com neve e ventos fortes (vv.19-20). Recorda assim ao amigo que essa será a altura ideal para ir para a *Laletania*, na costa tarraconense (vv.21-2). Aí (*ibi*, v.23), há caça em abundância, gamos, javalis, lebres, cervos (vv.23-6), a lenha não falta e os escravos sobram (vv.27-8) e os *conuiuia* entre proprietários vizinhos e parceiros na arte venatória pautam-se pela frequência, a fartura, a despreensão das roupas, já que não se usa toga, nem roupa púrpura, nem incómodos sapatos de cerimónia (vv.31-2). Nesses banquetes também não surgirão importunos, *clientes*, pedinchões. E o sono prolongar-se-á até manhã alta (vv.35-6). Em resumo, Marcial demonstra que a *Hispania* proporciona *uerum gaudium* (cf. v.39). Neste epigrama, em que um simples levantamento de adjectivos nos daria a medida de uma imagem idealizada da *Hispania*, Marcial nem precisa de referir Roma e a vida que aí se leva para deixar bem claro que a capital sai perdedora deste confronto.

O orgulho de ser *Hispanus* e de tudo o que é próprio das suas gentes revela-se de forma peculiar em IV 55. Marcial dirige-se a Lúcio, seu compatriota, e estabelece uma distinção entre *nos* e tudo o que partilham

⁵¹ XIV 203 (*Puella Gaditana*): *Tam tremulum crisat, tam blandum prurit, ut ipsum / masturbatorem fecerit Hippolytum*. V. SALANITRO, G., "Teletusa e le danze di Cadice": *Helikon* 13-14 (1973-1974) 492-8.

⁵² V. a análise deste epigrama nos Comentários ao Livro I de Mario CITRONI (*M. Valerii Martialis Epigrammaton Liber I*. Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1975, 155-71) e de Peter HOWELL (*A commentary on book one of the epigrams of Martial*. London, The Athlone Press, 1980, 212-27). V. ainda, sobre a influência de Horácio em Marcial neste epigrama, DONINI, G., "Martial, I, 49: Horatius in Martiale": *American Journal of Philology* 85 (1964) 56-60.

(cf. v.8, *nos*, e *nostrae terrae*, v.9) e um poeta *Argiuas generatus inter urbes* (v.4). Se o Grego celebra em seus cantos Tebas, Micenas ou Rodes, ou ainda a *libidinosa* Esparta com as suas *palaestrae* (vv.5-7), eles, *Celtis genitos et ex Hiberis* (v.8), orgulham-se de pronunciar nos versos os *nomina duriora*⁵³ (v.9) da terra que os viu nascer. O contraste estabelece-se desde logo, porquanto a referência aos costumes dissolutos de Esparta e à tradicional permissividade homossexual dos ginásios da Grécia carrega em si toda a censura de quem se considera exemplo de masculinidade triunfante. E segue-se uma longa lista de nomes arrevesados mas belos para quem nasceu na Hispânia, aproveitando o poeta para, em pinceladas rápidas, lembrar os encantos e as riquezas da região: é *Bilbilis* e a sua riqueza em metais e no fabrico de armas (v.11); *Platea* famosa pelo ferro e rodeada pelo *Salo* de curso não muito abundante mas *inquietus*, excelente como *armorum temperator* (vv.13-5); é *Tutela* e *Rixamae* com as danças de suas gentes (v.16), *Cardua*, famosa pelos alegres *conuiuia* (v.17), *Peteris* rescendente das rosas que a enfeitam (v.18), *Rigae* e o seu teatro natural (v.19), a terra dos *Silai* peritos em manejar o *iaculum* (v.20), os lagos de *Turgontium* e *Turasia* (v.21), a corrente límpida de *Tuetonissa* (v.22), o bosque sagrado de *Burado* (vv.23-4), os campos de *Vatuesca* que a perícia do homem e a força dos animais lavram (vv.25-6). A todos os que são como um eventual *delicatus lector* a quem se dirige, Marcial diz que podem rir-se de *tam rustica nomina* que ele prefere sem dúvida a *Butunti* (vv.27-8), localidade da Apúlia que, pelo menos no gosto do poeta, tinha um nome tão *durum* como os que evocou.

A diferença dos hábitos sexuais e do comportamento entre *Hispani* e Orientais surge desenvolvida de forma cáustica em X 65. Marcial dirige-se a Carménion, que se orgulha de ser cidadão de Corinto, *negante nullo* (v.2), e manifesta a sua irritada estranheza por ele lhe chamar *frater*. *Frater?* Nunca! Porque ele descende dos Iberos e dos Celtas e é concidadão do Tejo enquanto o outro é um Oriental... justamente de Corinto. Ora, aí reside a diferença fundamental que leva Marcial a não aceitar misturas. Corinto era uma belíssima e rica cidade (não é por acaso que era já provérbio, na Antiguidade, *non cuiuis homini contingit adire Corinthum*⁵⁴). Mas os seus habitantes tinham fama de efeminados. Carménion, Marcial revela-o com o *negante nullo* que não deixa margens para duvidar de tal rótulo, teria a fama e o proveito. E o paralelo estabelece-se de forma indesmentível. A pergunta retórica *An uoltu similes uidemur esse?* (v.5) parece ainda admitir a hipótese de que sejam

⁵³ Mais tarde designa-os como *nomina crassiora* (XII 18,12).

⁵⁴ Trata-se de um verso de Horácio (*Epist.* I 17,36) que já é, todavia, tradução de um provérbio grego.

parecidos. Mas... Carménion passeia-se com a cabeleira ondulada e brilhante de perfumes⁵⁵, enquanto Marcial, como as gentes da *Hispania*, tem os cabelos lisos, até espetados porque rebeldes ao pente (vv.6-7). Carménion depila diariamente com cera braços e pernas⁵⁶, enquanto Marcial tem as pernas e os joelhos com pêlos hirsutos (vv.8-9). A voz de Carménion é balbuciante, fraca, débil, quando os ruídos do ventre do poeta são bem mais poderosos (vv.10-11). A pomba não difere tanto da águia nem a temerosa corça do implacável leão quanto Carménion de Marcial (vv.12-3). Isto é: o Oriental, de costumes cada vez mais em moda em Roma, que se depila e emboneca, que é frágil e delicado, é a pomba, a corça, a presa fácil. É efeminado. Marcial, nascido em terras mais rígidas e onde se fazem os homens, entre gentes que diz *truces*⁵⁷, sem qualquer cedência a modas despropositadas que só às mulheres se admitem, é a águia, a ave de rapina, e o leão, o rei dos animais. Ele e os *Hispani* como ele são a força, a vitória sobre os mais débeis, homens que não admitem misturas com transviados⁵⁸. E termina com soberbo sarcasmo: desista Carménion de lhe chamar irmão, se não quiser que ele comece a chamar-lhe... irmã (vv.14-5).

Quando pensa regressar a *Bilbilis*, Marcial faz projectos e antevê a pátria sob os róseos tons que a saudade pinta. Lembra amigos que não vê há muito e as casas da sua cidade na encosta⁵⁹ de um *acer mons*⁶⁰, prepara o regresso pedindo a um amigo que lhe procure um lugar *iucundus nec laboriosus* e não muito caro para viver, onde possa enfim ser à vontade *piger*⁶¹.

Em X 37 dirige-se a Materno, seu conterrâneo e famoso advogado, e

⁵⁵ Lembre-se que os perfumes da Antiguidade eram óleos aromáticos, o que justifica o adjectivo *nitidus* (v.6), e que os cabelos dos 'embonecados' se ondulavam com o *calamister*, o ferro de frisar. Sobre o que Marcial pensava do uso de perfumes, basta ler, entre outras invectivas, *Malo quam bene olere nil olere* (VI 55,5) ou *Hoc mihi suspectum est, quod oles bene, Postume, semper: / Postume, non bene olet qui bene semper olet* (II 12,3-4). V. também III 55,4, em que explica a uma Gélia hiperperfumada: *Scis, puto, posse meum sic bene olere canem*.

⁵⁶ Sobre o que Marcial achava da prática masculina da depilação como reveladora de costumes efeminados, v., a título de exemplo, o retrato do *bellus homo* de III 63 ou ainda III 74.

⁵⁷ X 78,9.

⁵⁸ Não é talvez por acaso que alguns epigramas em que critica ou ridiculariza gente de costumes duvidosos são dirigidos a compatriotas, como Materno (I 96; II 74) ou Deciano (I 24).

⁵⁹ X 13.

⁶⁰ X 103,1-2.

⁶¹ X 104. O desejo, porém, era já antigo. Cf. e.g. VI 43,10 (*satis est pigro si licet esse mihi*) e VII 42,4 (*sopor nobis et placet alta quies*).

pergunta se tem alguma missão especial para lhe confiar, uma vez que vai em definitivo regressar à *Hispania*. Mas logo suspende o poema num confronto entre a vida que Materno leva na sua *uilla* de *Laurentum*, e que com certeza lhe agrada pois a não abandona, e a vida que Marcial antecipa como sua em *Bilbilis*. Os motivos alternam: *hic* (v.13), i.e. *Laurentino in litore* (v.5), a pesca resume-se a repugnantes rãs e a uns miseráveis peixinhos que cabem na cova de um dente (vv.5-6); *illic* (v.15), o *mullus*, o apreciadíssimo ruivo, devolve-se ao mar quando não atinge o peso mínimo de três libras (vv.7-8). Na *uilla*, os mariscos e frutos-de-mar não passam de umas amêijoas insípidas ou de mexilhões com pouco que comer (vv.9-10); lá, as ostras nada ficam a dever às mais famosas do mundo romano, as do lago Lucrino, e são tão abundantes que até os escravos da casa as podem comer sem riscos de repreensão do *dominus* (vv.11-2). Em *Laurentum* caça-se, e a muito custo, uma raposa fedorenta, *sordida praeda* que para cúmulo morderá os cães (vv.13-4); na *Hispania*, as mesmas redes apanharão inúmeros peixes no viveiro para logo, ainda húmidas, reterem lebres em abundância (vv.15-6). Marcial dá um derradeiro golpe na eventual satisfação do amigo: enquanto discorria, o *piscator* da *uilla* de Materno regressou com o cesto vazio e o *uenator* mostrou-se orgulhoso de ter apanhado... um texugo (vv.17-8)! Tudo o que Materno come na sua propriedade à beira-mar chega-lhe comprado *ab urbano macello* (v.19). E por isso retoma (v. 20), com sorridente ironia: *Callaicum mandas si quid ad Oceanum...*

Em X 96, Marcial dirige-se a Avito e explica-lhe porque fala tanto das *gentes remotae* do seu país, para onde regressa depois de trinta e quatro anos a envelhecer em Roma. Que razões há para a sua sede de rever o aurífero *Tagus* e o pátrio *Salo*, para querer voltar a um campo rudimentarmente cultivado? É que essa terra que, com pouco trabalho e humildes meios enche abundantemente as *casae*, as quase cabanas em que por lá se vive, é a que lhe agrada. E o paralelo entre *hic*, ainda Roma onde já não suporta viver, e *ibi*, a *Hispania* para onde se apresta a partir, iniciado com um magistral *pascitur hic, ibi pascit ager* (v.7), logo é desenvolvido em versos alternados. *Hic*, o *focus*, base da vida e do conforto, nunca passa de tépido pela pouca e má lenha com que se pode alimentá-lo; *ibi*, o fogo é forte, brilhante, abrasador, acolhedor e reconfortante, já que lenha é coisa que não falta (vv.7-8). *Hic*, matar a fome é um luxo que custa os olhos da cara e o mercado leva todo o dinheiro; *ibi*, a mesa enche-se de *diuitiae* que nada custaram porque a terra própria as deu (vv.9-10). *Hic*, vestir com decência exige pelo menos quatro togas por ano; *ibi*, uma toga chega no mínimo para quatro anos, tão pouco é o uso que se lhe dá (vv.11-2). Garantidas as necessidades básicas (habitar, comer, vestir) com facilidade e até opulência, Marcial não hesita em

lançar o repto: que Avito prossiga a vida de *cliens* junto dos poderosos, embora seja absurdo ter de mendigar e quase sempre ver recusado tudo o que o lugar de eleição de Marcial dá sem esforço.

Marcial regressou a *Bilbilis* mas o que encontrou foi bem diferente do que sonhara⁶². A mesquinhez das pessoas, a desconfiança ou até a inveja de quem voltava, ainda que com alguma fama, de certo modo vencido, atormentaram o poeta⁶³ que se afundou num sono prolongado além dos limites do razoável⁶⁴, numa inacção só interrompida a pedido de amigos e protectores⁶⁵, numa saudade amarga dos amigos de Roma⁶⁶ e do que outrora lhe parecia insuportável, a vida cansativa e ingrata, mas fervilhante e atractiva⁶⁷, da capital do mundo.

É certo que conseguiu alguns dos seus sonhos, como a casinha simples e a pequena mas produtiva propriedade que uma rica e generosa Marcela lhe ofereceu⁶⁸. Nada aí lhe falta, do calorzinho da lareira aos criados para o servirem e lhe manterem despertos os sentidos. Mas é também aí que consome os últimos dias num desalento profundo e, às vezes, na ilusão, que ele próprio constrói, de que é feliz.

É o que parece fazer em XII 18⁶⁹, quando escreve a Juvenal. O paralelo é agora entre o que o amigo faz e tem em Roma e o que Marcial tem e faz na terra natal. Do confronto sai vencedor o Bilbilitano, que termina dizendo *Sic me uiuere, sic iuuat perire* (v.26). Que faz então o amigo (*tu*, vv.1; 22), enquanto (*dum*, vv.1; 4) Marcial (*me*, vv.7; 26), *hic* (v.10), lhe escreve?

⁶² Não cumpriu, todavia, a 'ameaça', fruto talvez de amarga premonição, que fizera aos *Municipes* de *Bilbilis* antes de regressar (X 103,12: *aspera si geritis corda, redire licet*). Poder-se-á talvez pensar que o não fez porque enfim pôde preguiçar e dormir quanto queria. Em XII 68,5-6, diz: *otia me somnusque iuuant, quae magna negauit / Roma mihi: redeo, si uigilatur et hic*.

⁶³ XII *epist.* 4: *Accedit his municipalium robigo dentium et iudici loco liuor, et unus aut alter mali, in pusillo loco multi; aduersus quod difficile est habere cotidie bonum stomachum*.

⁶⁴ cf. XII 18,13-4.

⁶⁵ XII *epist.* 5.

⁶⁶ Veja-se, em particular, o *tristis animi morsus* (XII 34,9) causado pela saudade de Júlio Marcial (XII 34) e Arrúncio Estela (XII 2).

⁶⁷ XII *epist.* 3: *illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnium illa quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti*.

⁶⁸ XII 21; 31. Pela cultura e distinção de Marcela, o poeta diz-lhe: *Romam tu mihi sola facis* (XII 21,10). Também Terêncio Prisco foi generoso patrono nos últimos dias do poeta (v. XII 3).

⁶⁹ Sobre este poema, v. ROMANO, D., "Sic me iuuat uiuere. Genesi e significato di Marziale XII 18": *Filologia e forme letterarie. Studi offerti a Francesco della Corte*, vol. IV, Università degli Studi di Urbino, 1987, 25-9.

Juvenal percorre sem descanso, *inquietus*, a *clamosa* Subura, o Aventino, os Célios, toda a barulhenta e inóspita capital representada nas suas colinas. Sua as estopinhas na toga pouco confortável e nada prática, cumprindo os ingratos deveres de *cliens*, esperando em *limina* de gente poderosa e altiva. Substantivos como *Subura*, o bairro mais populoso e agitado da capital (v.2), *limina*, *potentiorum* (v.4), adjetivos como *inquietus* (v.1), *clamosa* (v.2), *sudatrix*, *uagum* (v.5), verbos como *erras* (v.1), *teris* (v.3), *uentilat* (v.5), *fatigant* (v.6) dão a medida do calor excessivo, do desconforto, da submissão e do cansaço inerentes à vida em Roma.

Quanto a Marcial, na sua terra *superba*, agora um *rusticus*, que faz? Dá-se à preguiça e só acorda quando o sol vai alto, para recuperar das vigílias de mais de trinta anos⁷⁰. Não usa toga, desconhecida no lugar, mas, quando quer vestir-se, logo lhe dão a *uestis* que, numa cadeira manca, está afinal ao alcance da mão (cúmulo da preguiça mas também abundância e presteza da mão-de-obra servil). Quando enfim resolve levantar-se, o *focus* está pejado de lenha e a casa quentinha; sobre o lume a *uilica* tem uma infinidade de panelas. Sente-se o cheiro saboroso e a água a crescer na boca. Vem o *uenator* e vê-lo é já um agrado para os olhos e um apelo aos sentidos⁷¹. O *uilicus* distribui o que compete a cada um dos muitos escravos e, mais preocupado com o seu bem-estar e as necessidades práticas das suas funções do que com eventuais e distorcidos apetites do *dominus* ou seus convidados, pede que o deixem cortar o cabelo⁷².

De novo a escolha do vocabulário é elucidativa: adjetivos como *rusticum* (v.8), *superba* (vv.9 e 19), *pigri*, *dulci* (v.10), *ingenti*, *inprobo* (v.13), *ignota* (v.17), *proxima*, *rupta* (v.18), *uicini*, *cultus* (v.20), *multa* (v.21), *leuis* (v.25) revelam a facilidade, a amenidade, a simplicidade que dão verdadeira grandeza à vida que o poeta leva; verbos como *accepit* (v.8), *colimus* (v.10), *fruor* (v.13), *[nec] rumpit* (v.14), *repono* (v.15), *datur* (v.17), *excipit* (v.19), *cupias* (v.23), *dispensat* (v.24) mostram como tudo é acolhedor, como ali existe cooperação, prazer, ausência de dificuldades, abundância.

⁷⁰ O desejo de poder dormir à saciedade, cada vez mais premente à medida que os anos passavam em Roma, tinha-o levado a desabafar (X 74,12): *Quid concupiscam quaeris ergo? Dormire.*

⁷¹ Veja-se que o poeta retoma alguns dos desejos antes manifestados, e.g. em relação ao não uso da toga, ao calor em sua casa, aos escravos solícitos, apeteceíveis e numerosos, à comidinha abundante e saborosa, a poder dormir, dormir, dormir... Sobre os desejos de Marcial, v., entre outros, II 48; 90; X 47.

⁷² Marcial, porém, muito louvou alguns dos seus patronos por não quererem que seus *pueri delicati* cortassem os longos cabelos que os mantinham juvenzinhos apeteceíveis até bem tarde. Foi o caso de Aulo Pudente em relação a Encolpo (I 31; V 48) e do próprio Domiciano com Eáirino (IX 16; 17; 36).

Isto é: Juvenal tem uma vida agitada, Marcial passa os dias em sossego; Juvenal é escravo de orgulhosos senhores, Marcial senhor de despreziosos escravos; Juvenal pede, Marcial tem; Juvenal não recebe, Marcial nem precisa de pedir; Juvenal só tem incómodos, agita-se, cansa-se, Marcial tem o que deseja, dorme, repousa, recupera. Marcial é livre, Juvenal submisso e submetido.

Observemos por fim XII 98, curiosamente o epigrama que fecha o último livro a ser publicado, quando o poeta já deixara a capital. Nele saúda a nomeação de Instânco Rufo como procônsul da Bética, sucedendo a Macro, que também homenageia. O epigrama é assim elogio simultâneo de duas importantes personagens de cujo apoio o poeta necessitava ou que pretendia assegurar. É ainda uma forma de se manter desperto para a vida política da região onde se estabelecera.

O poeta dirige-se ao rio *Baetis* e detém-se na evocação das belezas da pátria, das riquezas que a tornam grande: as vinhas e os olivais, os rebanhos de fulva lã, o rio que naturalmente a tingem e que todo ele se deixa navegar... Mas a força de outrora perdeu-se. Marcial repete os *topoi* outras e tantas vezes buscados, cria um quadro desencantado e sem vida, esbatido retrato a sépia de um olhar envelhecido que outrora, quando a memória, a saudade e o entusiasmo de viver lha sugeriam, era imagem em movimento, repleta de sons, viva de cores, apetecível e cativante até nas sugestões de cheiros e sabores.

O poeta aproxima-se da morte quando aportou à *Hispania* e trouxe consigo o desfavor dos novos senhores de Roma, quando voltou a *Bilbilis* escondendo sob o manto da saudade o cansaço dos anos e da subserviência, o vazio de uma luta sem sentido por alguma atenção. Mas o regresso que foi? Preparação para a morte. Decepção incontrolável com a tacañhez e a monotonia da cidadezinha que afinal em nada se sentiu honrada com a vinda do poeta. Uma nova saudade⁷³, agora do bulício de Roma, dos horizontes sociais e culturais que nela se rasgavam, dos amigos de mente aberta e semelhante à sua. Uma amargura maior porque a saudade de outrora se ancorava na esperança de voltar mas a daqueles derradeiros dias sabe que só a morte lhe virá pôr fim.

E o Livro XII torna-se, assim, talvez o mais fascinante como documento. Marcial dorme, coisa que sempre quis mas agora mais não é que artifício para matar as intermináveis horas dos intermináveis dias. Escreve, mas só e quando a isso quase é obrigado por compromissos assumidos. Olha à sua volta e tenta convencer-se de que está bem, na sua casita sossegada e acolhedora. Despega-se cada dia um pouco mais da vida que já não lhe interessa. E talvez que a morte tenha afinal chegado de mansi-

⁷³ O *desiderium dominae urbis* de que fala em XII 21,9.

nho, com o travo amargo e o olhar lúcido com que o poeta, ao regressar à *Hispania*, sentiu que a saudade fora uma ilusão por ele próprio acalentada trinta e quatro longos anos, percebeu que o regresso pouco lhe trazia e muito lhe tirara, e que a ambição da glória e o desejo de uma pátria se reduziavam enfim a uma apagada, quase anónima e desconsolada espera do derradeiro momento.

Bibliografia breve sobre o tema

- AA.VV., *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial poeta de Bilbilis y de Roma*. 2 vol. Zaragoza, Universidad Nacional de Educacion a Distancia, 1987.
- BONJOUR, M., *Terre natale. Etudes sur une composante affective du patriotisme romain*. Paris, Les Belles-Lettres, 1975 (em especial pp. 211-7).
- BONJOUR, M., "Quomodo Martialis poeta, litteris latinis utens, Celtiberiae suae desiderium expresserit" in *Laurea Corona. Studies in honour of Edward Coleiro*. Amsterdam, Gruner, 166-9.
- DOLÇ, M., "Due passioni di Marziale: Roma e Hispania": *Problemi attuali di scienza e di cultura* Quaderno n° 200 (1974) 109-25.
- DOLÇ, M., *Hispania y Marcial. Contribución al conocimiento de la España antigua*. Barcelona, Escuela de Filologia, 1953.
- DOLÇ, M., "La investigación sobre la toponimia hispana de Marcial": *Estudios Clásicos* 4 (1957-1958) 68-79.
- LANA, I., "Marziale poeta della contraddizione": *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica* 33 n.s. (1955) 225-49.
- PARRONI, P., "Nostalgia di Roma nell'ultimo Marziale": *Vichiana* 13 (1984) 126-34.
- PIMENTEL, M.C.C.M.S., "Quid petitur? Do sonho e do desencanto em Marcial": *Euphrosyne* 21, 249-61.
- RIBER, L., *Marco Valerio Marcial*. Madrid, Espasa-Calpe, 1941.
- SCAMUZZI, U., "Contributo ad una obiettiva conoscenza della vita e dell'opera di Marco Valerio Marziale": *Rivista di Studi Classici* 14 (1966) 149-207.
- SOUSA, A., "Marcial e os falares da Hispânia": *Euphrosyne* 2 (1959) 209-15.
- SULLIVAN, J.P., *Martial. The unexpected classic. A literary and historical study*. Cambridge, University Press, 1991 (em especial pp. 172-84).

ANEXO

Marcial, *Epigrammata*

I 49

1 Vir celtiberis non tacende gentibus
 2 nostraeque laus Hispaniae,
 3 uidebis altam, Liciniane, Bilbilin,
 4 equis et armis nobilem,
 5 senemque Caium niuibus, et fractis sacrum
 6 Vadaueronem montibus,
 7 et delicati dulce Boterdi nemus,
 8 Pomona quod felix amat.
 9 Tepidi natabis lene Congedi uadum
 10 mollesque Nympharum lacus,
 11 quibus remissum corpus adstringes breui
 12 Salone, qui ferrum gelat.
 13 Praestabit illic ipsa figendas prope
 14 Voberca pramenti feras;
 15 aestus serenos aureo franges Tago
 16 obscurus umbris arborum;
 17 auidam rigens Dercenna placabit sitim
 18 et Nutha, quae uincit niues.
 19 At cum December canus et bruma impotens
 20 Aquilone rauco mugiet,
 21 aprica repetes Tarraconis litora
 22 tuamque Laletaniam.
 23 Ibi inligatas mollibus dammas plagis
 24 mactabis et uernas apros
 25 leporemque forti callidum rumpes equo,
 26 ceruos relinques uilico.
 27 Vicina in ipsum silua descendet focum
 28 infante cinctum sordido;
 29 uocabitur uenator et ueniet tibi
 30 conuiuia clamatus prope;
 31 lunata nusquam pellis et nusquam toga
 32 olidaeque uestes murice;
 33 procul horridus Liburnus et querulus cliens,
 34 imperia uiduarum procul;
 35 non rumpet altum pallidus somnum reus,
 36 sed mane totum dormies.
 37 Mereatur alius grande et insanum sophos:
 38 miserere tu felicitium

39 ueroque fruere non superbus gaudio,
 40 dum Sura laudatur tuus.
 41 Non inpudenter uita quod relicum est petit,
 42 cum fama quod satis est habet.

IV 55

1 Luci, gloria temporum tuorum,
 2 qui Caium ueterem Tagumque nostrum
 3 Arpis cedere non sinis disertis,
 4 Argiuas genetratus inter urbes
 5 Thebas carmine cantet aut Mycenae,
 6 aut claram Rhodon aut libidinosae
 7 Ladaeas Lacedaemonos palaestras:
 8 nos Celtis genitos et ex Hiberis
 9 nostrae nomina duriora terrae
 10 grato non pudeat referre uersu:
 11 saeuo Bilbilin optimam metallo,
 12 quae uincit Chalybasque Noricosque,
 13 et ferro Plateam suo sonantem,
 14 quam fluctu tenui, sed inquieto
 15 armorum Salo temperator ambit,
 16 Tutclamque chorosque Rixamarum,
 17 et conuiuia festa Carduarum,
 18 et textis Peterin rosis rubentem,
 19 atque antiqua patrum theatra Rigas,
 20 et certos iaculo leui Silaos,
 21 Turgontique lacus Turasiaeque,
 22 et paruac uada pura Tuetonissae,
 23 et sanctum Buradonis ilicetum,
 24 per quod uel piger ambulat uiator,
 25 et quae fortibus excolit iuuenis
 26 curuae Manlius arua Vatiuescae.
 27 Haec tam rustica, delicate lector,
 28 rides nomina? Rideas licebit,
 29 haec tam rustica malo quam Butuntos.

X 65

1 Cum te municipem Corinthiorum
 2 iactes, Charmention, negante nullo,
 3 cur frater tibi dicor, ex Hiberis
 4 et Celtis genitus Tagique ciuis?
 5 An uoltu similes uidemur esse?
 6 tu flexa nitidus coma uagaris,

7 Hispanis ego contumax capillis;
 8 leuis dropace tu cotidiano,
 9 hirsutis ego cruribus genisque;
 10 os blaesum tibi debilisque lingua est,
 11 nobis ilia fortius loquentur:
 12 tam dispar aquilae columba non est
 13 nec dorcas rigido fugax leoni.
 14 Quare desine me uocare fratrem,
 15 ne te, Charmenion, uocem sororem.

X 37

1 Iuris et aequarum cultor sanctissime legum,
 2 ueridico Latium qui regis ore forum,
 3 municipi, Materne, tuo ueterique sodali
 4 Callaicum mandas si quid ad Oceanum —.
 5 An Laurentino turpis in litore ranas
 6 et satius tenues ducere credis acos
 7 ad sua captiuum quam saxa remittere mullum,
 8 uisus erit libris qui minor esse tribus?
 9 et fatuam summa cenare pelorida mensa
 10 quosque tegit leui cortice concha breuis
 11 ostrea Baianis quam non liuentia testis,
 12 quae domino pueri non prohibente uorent?
 13 Hic olidam clamosus ages in retia uolpem
 14 mordebitque tuos sordida praeda canes:
 15 illic piscoso modo uix educta profundo
 16 impedient lepores umida lina meos. —
 17 Dum loquor ecce redit sporta piscator inani,
 18 uenator capta maele superbus adest:
 19 omnis ab urbano uenit ad mare cena macello.
 20 Callaicum mandas si quid ad Oceanum —.

X 96

1 Saepe loquar nimium gentes quod, Auite, remotas
 2 miraris, Latia factus in urbe senex,
 3 auriferumque Tagum sitiam patriumque Salonem
 4 et repetam saturae sordida rura casae.
 5 Illa placet tellus in qua res parua beatum
 6 me facit et tenues luxuriantur opes:
 7 pascitur hic, ibi pascit ager; tepet igne maligno
 8 hic focus, ingenti lumine lucet ibi;
 9 hic pretiosa fames conturbatorque macellus,

10 mensa ibi diuitiis ruris operta sui;
 11 quattuor hic aestate togae pluresue teruntur,
 12 autumnis ibi me quattuor una tegit.
 13 I, cole nunc reges, quidquid non praestat amicus
 14 cum praestare tibi possit, Auite, locus.

XII 18

1 Dum tu forsitan inquietus erras
 2 clamosa, Iuuenalis, in Subura
 3 aut collem dominae teris Dianae;
 4 dum per limina potentiorum
 5 sudatrix toga uentilat uagumque
 6 maior Caelius et minor fatigant:
 7 me multos repetita post Decembres
 8 accepit mea rusticumque fecit
 9 auro Bilbilis et superba ferro.
 10 Hic pigri colimus labore dulci
 11 Boterdum Plateamque – Celtiberis
 12 haec sunt nomina crassiora terris –:
 13 ingenti fruor improboque somno
 14 quem nec tertia saepe rumpit hora,
 15 et totum mihi nunc repono quidquid
 16 ter denos uigilaueram per annos.
 17 Ignota est toga, sed datur petenti
 18 rupta proxima uestis a cathedra.
 19 Surgentem focus excipit superba
 20 uicini strue cultus iliceti,
 21 multa uilica quem coronat olla.
 22 Venator sequitur, sed ille quem tu
 23 secreta cupias habere silua;
 24 dispensat pueris rogatque longos
 25 leuis ponere uilicus capillos.
 26 Sic me uiuere, sic iuuat perire.

XII 98

1 Baetis oliuifera crinem redimite corona,
 2 aurea qui nitidis uellera tinguis aquis;
 3 quem Bromius, quem Pallas amat; cui rector aquarum
 4 albula nauigerum per freta pandit iter:
 5 ominibus laetis uestras Instantius oras
 6 intret et hic populis ut prior annus eat.
 7 Non ignorat onus quod sit succedere Macro:
 8 qui sua metitur pondera, ferre potest.